

Cresce distância entre Ulysses e Sant'Anna

Da Reportagem Local

“Esse assunto vocês têm que tratar com o líder do governo. Como é mesmo o nome dele? Aquele que é baiano... Hem? Carlos Sant'Anna, é, isso”. Nas últimas semanas, este aparente lapso de memória do presidente nacional do PMDB, do Congresso constituinte e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, 70, tem se mostrado cada vez mais frequente e revelador.

Ele é um dos indicadores da distância que separa hoje Ulysses do deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), 53. Escolhido há cerca de um mês para comandar o apoio ao governo na Constituinte, Sant'Anna transformou-se num valioso conduto para as reivindicações pessoais de deputados e senadores junto à União. Converteu-se, ainda, no adversário número um do líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique (SC), e num corpo estranho no grupo que, nos últimos 25 meses, habituou-se a equacionar os problemas do governo no Congresso —normalmente sob a liderança de Ulysses.

Ciente disso, e do risco de isolamento a que está sujeito por parte do comando de seu partido, Carlos Sant'Anna —um médico circunspecto e seco— manobra nos bastidores, para manter-se integrado à bancada do PMDB. A *Folha* apurou que os peemedebistas baianos que articulam a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o chamado “caso NEC”, contam com uma promessa de apoio, feita na maior discrição, por Sant'Anna. A CPI investigaria um suposto empenho do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, na compra feita pelo presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, da companhia NEC do Brasil. Da articulação desta ofensiva

Líder do governo critica líder do PMDB

Da Sucursal de Brasília

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), 53, disse que o líder do PMDB na mesma Casa, deputado Luiz Henrique (SC), “não tem poderes” para puni-lo ou censurá-lo por sua atuação na última quarta-feira, quando o Congresso constituinte adiu a votação de seu Regimento Interno.

Sant'Anna reconheceu sua participação na manobra de esvaziamento do plenário, na quarta-feira, o que levou ao adiamento da votação, contra a orientação de Luiz Henri-

que. Mas justificou sua atitude com o argumento de que estava tentando viabilizar um acordo entre a liderança do PMDB, os “moderados” deste partido e o PFL em torno do Regimento.

A atuação de Sant'Anna levou Luiz Henrique a afirmar, na sexta-feira, que iria encaminhar um pedido de punição contra o líder do governo. Sant'Anna respondeu a Luiz Henrique afirmando que “decisão sobre Regimento não é matéria programática”. “Ele não tem sobre o que me avaliar” —disse Sant'Anna, antontem às 15h15, de Salvador, por telefone.

contra o ministro participam o governador eleito da Bahia, Waldir Pires —cujas relações com o presidente Sarney, em razão desse problema, estão seriamente abaladas—, e deputados do PMDB, como Genivaldo Correa e Francisco Pinto.

Debandada

Ao final da sessão de quarta-feira passada, fracassada a tentativa da ala esquerda do PMDB de aprovar um texto de Regimento capaz de alterar a atual Constituição, o relator do trabalho, senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), aproximou-se dos deputados Egidio Ferreira Lima (PMDB-PE) e Virgildásio Senna (PMDB-BA) e comentou: “Da próxima vez, quem vai relatar isso é o baiano...” —numa clara alusão a Sant'Anna. O líder do governo tinha concordado com a redação do polêmico parágrafo 7º do artigo 57 (que tratava da soberania), e só depois de um contato com o Palácio do Planal-

to, percebeu que este parágrafo poderia resultar, até mesmo, no questionamento do mandato do presidente Sarney —e voltou atrás.

Quem conhece a história recente do jogo de forças dentro do PMDB sabe que a distância entre Carlos Sant'Anna e Ulysses Guimarães nunca foi pequena. Em 83, quando o então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, e o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, engajaram-se numa disputa de influência para a eleição de um novo comando nacional para o PMDB, era no apartamento do deputado Sant'Anna, em Brasília, que Tancredo e seus correligionários mais próximos, todos do grupo “Unidade”, articulavam suas manobras, longe da curiosidade da imprensa. Semana passada, Sant'Anna recordou os tempos do “Unidade”, de distância em relação ao presidente nacional do PMDB. Sabia bem a que estava se referindo. (Roberto Lopes)